



Interpretações Acadêmicas sobre a Procissão do Fogaréu na Cidade de Goiás: Um Olhar sobre Algumas Bibliografias

André Luiz Caes¹

Resumo: Este trabalho constitui uma análise sobre algumas bibliografias produzidas sobre a Procissão do Fogaréu na cidade de Goiás/GO. Município que surgiu no século XVIII, no período da exploração do ouro no interior do Brasil, foi capital do estado de Goiás até a transferência para Goiânia em 1937. Ao deixar de ser capital, a cidade foi reconhecida como Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO a partir de seu casario colonial e, também, das manifestações culturais que lá são preservadas e que estão integradas ao cotidiano da população residente e atraem milhares de visitantes. Entre essas manifestações culturais está a Procissão do Fogaréu, alvo de alguns interessantes estudos relativos à história, à cultura e à religiosidade da população local. A partir desses estudos procuramos analisar e compreender alguns elementos que compõem essa importante manifestação cultural brasileira.

Palavras-Chave: Fogaréu. Cidade de Goiás. História. Cultura. Turismo.

Academic Interpretations on the Fogaréu Procession in the City of Goiás: A Look at Some Bibliographies

Abstract: This work constitutes an analysis on some bibliographies produced on the Fogaréu Procession in the city of Goiás/GO. A municipality that emerged in the 18th century, during the period of gold exploration in the interior of Brazil, it was the capital of the state of Goiás until the transfer to Goiânia in 1937. As it ceased to be a capital, the city was recognized as a World Heritage Site by UNESCO from its colonial house and also from the cultural manifestations that are preserved there and that are integrated into the daily life of the resident population and attract thousands of visitors. Among these cultural manifestations is the Fogao Procession, the target of some interesting studies related to the history, culture and religiosity of the local population. From these studies we try to analyze and understand some elements that make up this important Brazilian cultural manifestation.

Keywords: Fogaréu. City of Goiás. History. Culture. Tourism.

Introdução

Entre as diversas e belas manifestações culturais e religiosas existentes no Estado de Goiás, a Procissão do Fogaréu, que ocorre na antiga capital ou Cidade de Goiás, recebeu especial atenção como objeto de estudo e reflexão. Motivados pela grande beleza estética e simbólica da mesma e da localidade em que ocorre, os estudos sobre essa Procissão abordaram esse fenômeno religioso,

¹ Pós-Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG) nos Programas de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade (PPGAS) e em História (PPGHIS). Professor no curso de graduação em História da Universidade Estadual de Goiás (Campus Morrinhos).



cultural e turístico sob diversas perspectivas. Neste trabalho, procuramos refletir sobre os artigos e trabalhos acadêmicos que já foram produzidos, com o intuito de analisar os diversos aspectos que marcam essa Procissão. Aspectos políticos, culturais, religiosos, turísticos e simbólicos da Procissão do Fogaréu foram objeto de reflexões dos autores que escolhemos para compreender esse tema. Portanto, nosso trabalho constitui um estudo e reflexão com base em algumas bibliografias que consideramos de interesse para nosso objetivo.

A partir da escolha de cinco trabalhos sobre a Procissão do Fogaréu, dividimos nosso artigo em dois momentos que tratam de visões diferentes sobre essa manifestação cultural. No primeiro – “A História da Procissão do Fogaréu no Contexto da História da Cidade de Goiás” – tratamos da forma como os autores pesquisados apresentam a construção histórica da Procissão, considerando-a elemento importante da atual condição da cidade de Goiás como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade. No segundo momento – “A Procissão do Fogaréu na Cidade de Goiás: Simbolismo e Representação da Religião e da Cultura” –, procuramos mostrar como os autores escolhidos olham para a própria procissão na sua beleza simbólica religiosa e social.

A história da Procissão do Fogaréu no contexto da história da cidade de Goiás

A cidade de Goiás, segundo Pinheiro (2004)², foi fundada em 1727 e denominada Arraial de Sant’Ana, por Bartolomeu Bueno da Silva Filho. Sua fundação aconteceu devido a descoberta de ouro na região, fato que motivou a constituição de um centro administrativo com os prédios representativos dos poderes real e religioso: o Palácio Conde dos Arcos e a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte. Em 1739, recebeu o nome de Vila Boa de Goiás e passou a ser a capital da Província de Goiás no ano de 1749. Permaneceu como capital da Província e, depois, do Estado de Goiás, até o ano de 1937, quando a sede do governo se mudou para a nova capital Goiânia, especialmente projetada para assumir esse papel.

Devido à sua importância histórica e à preservação de seu casario colonial, a cidade de Goiás foi Tombada como Patrimônio Histórico pelo governo brasileiro na década de 1950. Após esse acontecimento aconteceu um movimento para a preservação de sua arquitetura e de suas tradições culturais, sendo posteriormente alcançado o reconhecimento pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em 2001, como Patrimônio Histórico da

² A autora se baseia no trabalho de LACERDA, Regina. Vila Boa História e Folclore. Goiânia: Oriente, 1977.



Humanidade. Esse título foi alcançado pelo esforço de diversos órgãos que se uniram para defender a importância da cidade e da região em que está localizada, como um patrimônio que envolve história, arquitetura, meio-ambiente e cultura.

Voltando ao início da história da cidade, como era previsto pelo sistema colonial português, que combinava a colonização e exploração econômica com a expansão do catolicismo, no período inicial após a fundação da localidade, era designado um sacerdote para coordenar o trabalho de cristianização. Segundo Faria (2006), em 1745 foi empossado como Vigário o Padre Espanhol João Perestrello de Vasconcelos Spínola, que “fundou no mesmo ano a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos. Este sacerdote introduziu nas festividades do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores uma espécie de alegorias, com especial atenção a Semana Santa” (FARIA, 2006, p. 36).

Essa informação é importante porque há uma unanimidade entre os pesquisadores consultados, quanto à existência desde os anos iniciais da cidade de Goiás do significativo evento cultural e religioso que é a Semana Santa. Esse patrimônio cultural com suas raízes ainda no passado colonial, apesar das muitas transformações que sofreu, foi um dos elementos valorizados para que a cidade de Goiás fosse reconhecida como Patrimônio da Humanidade (BRITTO, 2008, p. 13).

Os rituais da Semana Santa são fundamentais para o calendário do catolicismo e, na cidade de Goiás, foram realizados como o ápice da religiosidade na região, adquirindo um significado bastante amplo para a população em geral, tanto no passado como no presente. Mantém-se hoje o significado religioso como aconteceu durante a maior parte da história, mas é acrescentado o significado de ritual de sociabilidade da população local e os visitantes (hoje turistas), além de assumir também um significado de tradição cultural e turística nas últimas décadas. Sobre esses significados vamos refletir melhor na segunda parte, mas nesta parte do trabalho vamos nos focar na história da Procissão e suas origens, além de inseri-la na história da cidade.

Rosa (2016) mostra que a origem da Procissão do Fogaréu é na Península Ibérica. Tanto em Portugal como na Espanha um ritual com essas características era praticado e foi, possivelmente, também realizado no Brasil desde o século XVII. Rosa (2016, p. 114-115) apresenta fotos, em seu trabalho, de personagens atuais de procissões, que acontecem em Sevilha e Granada (Espanha), vestidos como os “farricocos” da Procissão do Fogaréu no Brasil. Seu objetivo é mostrar que rituais semelhantes ainda ocorrem no Brasil e nesse país ibérico.



Desde o início da colonização do Brasil, juntamente com os padres católicos veio para o Brasil o costume de fundar as Irmandades, organizações de leigos que se reuniam para cultuar os santos e as datas significativas para o catolicismo. Nesse sentido, Britto (2008) baseado em Del Priore (1994) propõe que:

[...] no período colonial percebe-se nitidamente a circulação de ideias entre Brasil e Portugal, nos dois sentidos, gerando uma intimidade que permitia que na Colônia as imagens da Metrópole fossem importadas e reelaboradas. Havia, desse modo, uma circularidade que era praticada e atualizada de acordo com as especificidades de cada região (BRITTO, 2008, p. 9).

Continuando sua reflexão, o autor, citando Araújo (2006), afirma que essa circulação de ideias influenciou também as denominações das irmandades que foram fundadas no Brasil, reproduzindo e reinterpretando as instituições religiosas de leigos que existiam em Portugal:

As irmandades do Santíssimo Sacramento, do Senhor dos Passos, da Penitência e da Misericórdia foram associações de destaque e se constituíram ao longo da Idade Moderna em “palcos de sociabilidades, promotoras de laços fraternais e estreitamento de relações entre os seus membros e entre estes e a comunidade” através de “manifestações rituais” (BRITTO, 2006, p. 6).

Essas Irmandades foram responsáveis pelos rituais e procissões que aconteciam anualmente no calendário católico, constituindo-se num importante lugar de disseminação do cristianismo e das devoções cristãs. Uma das procissões que podem ser consideradas antecessoras do Fogaréu é a que era realizada pela Irmandade da Misericórdia (que chegou ao Brasil em 1549, em Salvador), denominada Procissão das Endoenças (vem de Indulgências), e que era realizada como um ritual de penitência para os pecadores.

Figura 1 – Farricocos



Fonte: Guia Quatro Rodas: Procissão do Fogaréu (2018)



Esses pecadores – tanto os que se autoconsideravam pecadores como os que eram acusados pela Igreja pelos seus delitos –, vestiam as roupas que hoje são características dos farricocos (o traje rústico que cobre todo o corpo e o chapéu que cobre o rosto e sobe em forma de cone), por essas vestimentas sendo identificados como penitentes (ROSA, 2016). Na imagem podemos ver os farricocos como se apresentam hoje na Procissão do Fogaréu, entretanto seu papel atual foi bastante ressignificado dentro do ritual, tendo em vista que a Procissão passou por muitas transformações desde seu início. Para os autores consultados, durante o período inicial da celebração da procissão, estes personagens eram os penitentes (como afirmamos acima) e essas roupas eram o sinal de sua retratação e aceitação da penitência.

Segundo Britto (2008), a primeira referência à existência da Procissão do Fogaréu remete à Bahia em 1618, procissão realizada pela Irmandade da Misericórdia. Para essa afirmação, este autor cita o texto de Fernando Pio (1977). Outros relatos da realização dessa procissão são encontrados para eventos nas cidades de Rio de Janeiro, Recife e em Ouro Preto, nos séculos XVII e XVIII (BRITTO, 2008, p. 10-11). Na cidade de Goiás, a celebração da Semana Santa foi marcada por diversos rituais, mas a primeira evidência sobre o ritual com a presença dos farricocos ou penitentes, é obtida no livro de viagem de Johann Emmanuel Pohl (1951), que é citado por dois dos autores que consultamos. Nessa passagem, datada de 1820, o viajante descreve a presença do penitente vestido como o farricoco na procissão dos Passos.

A presença dos farricocos é importante para a história da Procissão porque os mesmos constituem um elemento fundamental para o sentido e significado do evento, durante boa parte da história os mesmos eram os penitentes ou uma representação destes com seus trajes característicos chamando a atenção para sua condição. Posteriormente, quando o Fogaréu passou a ser a representação teatral da prisão de Jesus no Monte das Oliveiras, na véspera de sua crucificação, os farricocos se tornaram uma representação dos guardas romanos que procuraram e prenderam Jesus naquela noite, mas ainda assim continuaram com suas roupas características dos pecadores e penitentes, realizando uma bela associação entre a imagem daqueles que prenderam Jesus com todos os pecadores que – na visão religiosa – até hoje pecam em não reconhecê-lo como “Filho de Deus” (ROSA, 2016, p. 117).

Segundo Britto (2008), há documentos que comprovam a realização da Procissão do Fogaréu durante todo o século XIX e até o início do século XX. Esses documentos, segundo o autor, são da



Irmandade dos Passos, que organizou durante muito tempo a Procissão, e que registram o pagamento de gratificações aos farricocos (BRITTO, 2008, p. 14). Outro documento é o diário de Anna Joaquina, cidadã vilaboense que escreveu entre 1880 e 1930, relatando em diversos anos o acontecimento da Procissão do Fogaréu na quinta-feira Santa (CARNEIRO, 2005 apud BRITTO, 2008, p. 15).

Os autores Rosa (2016) e Britto (2008), afirmam que a Procissão do Fogaréu foi perdendo sua importância na cultura vilaboense a partir do processo de romanização do catolicismo brasileiro, ocorrido entre o final do século XIX e a metade do século XX. Nesse processo, o episcopado brasileiro procurou retomar o controle dos rituais católicos, retirando dos leigos a responsabilidade pela sua realização. Com essa medida, foram reorganizando as procissões e festas católicas nos moldes que eram definidos pelas orientações vindas da Santa Sé, daí o nome de romanização. Britto (2008, p. 14), por exemplo, cita documento do Bispo Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão (foi Bispo entre 1881 e 1890), no qual este faz críticas aos rituais realizados à noite, que causavam transtornos e favoreciam os pecados.

Nesse período da romanização a Procissão do Fogaréu, portanto, foi deixada em segundo plano, sendo retomada com todas as suas características e importância somente a partir de 1965, quando foi fundada a Organização Vilaboense de Artes e Tradições (OVAT), que procurou restaurar os rituais da Semana Santa, juntamente com a Igreja Católica, pensando não apenas nos aspectos religiosos e culturais, mas também na ampliação do turismo e na luta pelo reconhecimento da cidade diante da UNESCO.

Na reflexão de Souza (2005), cujo artigo não está efetivamente preocupado com a história, mas com o imaginário, o surgimento da OVAT e o ressurgimento da Semana Santa na cidade de Goiás, nesta inserida a Procissão do Fogaréu, são movimentos de recuperação do passado representativo da cidade. Tendo perdido o título de centro de poder do Estado em 1937, retomou sua importância histórica e cultural para o Estado, ao trazer de volta a grandiosidade de suas procissões e chamando a atenção do mundo para a memória que a cidade representava do passado colonial. Na percepção dessa autora, a OVAT produziu um contragolpe ao domínio de Goiânia, com a cidade de Goiás deixando o anonimato a que fora relegada, para ressurgir a partir de sua memória, história e tradições (SOUZA, 2005, p. 6).

Nessa perspectiva, a fundação da OVAT e o ressurgimento da Procissão do Fogaréu e de todos os rituais da Semana Santa da cidade de Goiás, constituem um ponto de inflexão na história da



cidade, modificando seu cotidiano ao retomar amplamente os elementos culturais tradicionais locais e, com isso, atrair turistas e devotos, além de chamar a atenção para importância da cidade como Patrimônio Histórico, Arquitetônico e Cultural brasileiro.

Faria (2006) ao analisar o estatuto da OVAT, identifica o sentido que os fundadores e demais participantes conferem à atuação da instituição. Em primeiro lugar, no Artigo 12º, seus fundadores e demais participantes são definidos como: “elementos que por índole ou atividade, demonstrarem possuir aptidões artístico culturais, e sobretudo demonstrarem através de suas atividades, amor à causa da Organização e será em número limitado” (FARIA, 2006, p. 57). A partir dessa definição dos colaboradores, no artigo 25º desse documento está registrado a intenção em relação a Semana Santa, “a Semana Santa da Cidade de Goiás, primeiro empreendimento da OVAT, deverá ser mantido, preservado seus aspectos artístico cultural (paralitúrgico), com ou sem a participação dos poderes civis e da Igreja” (FARIA, 2006, p. 57).

Assim, a OVAT se desvincula de qualquer defesa de conceitos religiosos, não recusando, porém, o apoio e a participação da Igreja Católica, com seus rituais próprios da Semana Santa, no conjunto de rituais e manifestações tradicionais que marcam as atividades desses dias na cidade de Goiás. Da mesma forma, mantendo o objetivo especificamente cultural de manter vivas as tradições, a organização também dialoga com os organizadores de empreendimentos turísticos estatais e privados, que trazem reconhecimento e recursos à cidade de Goiás e seus habitantes.

É interessante notar que dois dos autores – Britto, 2008 e Faria, 2006) – que escolhemos, olham a Procissão do Fogaréu a partir da perspectiva das “tradições inventadas”, tema desenvolvido por Hobsbawm e Ranger (1994). Apesar de não aprofundarem essa reflexão, as citações procuram mostrar que tradição do Fogaréu pode ser analisada não apenas como uma invenção ou reinvenção, mas como a recuperação de um ritual colonial dentro das condições da sociedade atual. Faria (2006), por exemplo, cita que para Hobsbawm e Ranger (1994) uma tradição inventada pode ser considerada:

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM; RANGER, 1984 apud FARIA, 2006, p. 17).

Com essa abordagem, os autores concebem uma continuidade da ação da OVAT com o passado da cidade de Goiás, trazendo novamente a Procissão do Fogaréu e a Semana Santa para o centro da vida social, inculcando os valores – não religiosos, como no passado – mas os culturais, que constituem uma marca da cidade e que lhe confere o seu valor histórico, cultural e turístico. Essa



perspectiva também aparece na reflexão de Britto (2008) quando entrevistou um dos líderes e fundadores da OVAT, com o intuito de compreender o processo de ressurgimento da Procissão. O líder da OVAT descreve o processo de pesquisa, tanto documental quanto da memória dos mais velhos que sabiam da existência da Procissão. Nenhum dos entrevistados viu a procissão, mas ouviu dos mais velhos, então a pesquisa se concentrou em recuperar nos documentos a forma como a Procissão era celebrada, suas características, seus elementos musicais, teatrais e religiosos. Dessa forma a OVAT conseguiu realizar a procissão e recriar a tradição perdida (BRITTO, 2008, p. 16).

Conforme as informações e reflexões que analisamos dos autores escolhidos, podemos perceber os aspectos que unem a história da cidade de Goiás (antiga Vila Boa) com a história dessa tradição cultural que hoje é um símbolo da cidade, a Procissão do Fogaréu. Mesmo após um período de 30 a 40 anos em que deixou de ser realizada (entre as décadas de 1920 e 1960), sua restauração como prática cultural da cidade produziu um efeito que vai além do seu antigo significado: a procissão, hoje, representa a reunião – num mesmo ritual – de interesses e necessidades religiosos, culturais, sociais, econômicos e turísticos, trazendo uma vitalidade perdida pela antiga capital, além do reconhecimento de sua história e da beleza de sua cultura.

A Procissão do Fogaréu na Cidade de Goiás: Simbolismo e Representação da Religião e da Cultura

Tratar a Procissão do Fogaréu sob a ótica dos aspectos simbólicos e da representação é uma tarefa tão interessante quanto compreender sua história. Nessa perspectiva, é possível ver a forma como os autores dos trabalhos escolhidos procuraram olhar para a procissão e interpretar os variados elementos que a compõem. São olhares objetivos, mas também poéticos, evocando tanto os pensamentos como os sentimentos que surgem quando o estudioso assiste a procissão e vive a experiência que atrai milhares de pessoas todos os anos.

É importante esclarecer que a Procissão do Fogaréu, no caso da Semana Santa na cidade de Goiás, inicia os rituais que marcam a celebração da Morte e da Ressurreição de Jesus Cristo, conforme está descrita nos Evangelhos. A forma mais tradicional da Semana Santa da Igreja Católica começa com o Domingo de Ramos, que celebra a entrada de Jesus em Jerusalém aclamado pela população como um líder espiritual, continua na Quinta-Feira Santa com a celebração da Missa do Lava Pés, que representa o momento da Santa Ceia ou Última Ceia de Jesus com seus discípulos, celebra na Sexta-feira Santa a Paixão de Jesus e sua crucificação e morte, o Sábado Santo com a celebração da



vigília na expectativa da Ressurreição e o Domingo de Páscoa ou da Ressurreição, que celebra a volta de Jesus à vida e seu triunfo sobre a morte, sendo este seu sacrifício considerado o responsável pelo perdão e salvação de todos os seres humanos.

Durante a Semana Santa da cidade de Goiás, acontece na noite da passagem de quarta para quinta-feira, a Procissão do Fogaréu, que representa a passagem dos evangelhos que narra a prisão de Jesus no Monte das Oliveiras. Na atual representação, os farricocos são os soldados romanos, mas vestidos com as roupas características dos pecadores penitentes, que portam tochas para iluminar a noite e possibilitar a procura e a prisão de Jesus. A grandiosidade e beleza dessa representação acaba por constituir o ponto alto ou, pelo menos, o mais esperado de todos os rituais celebrados nesses dias. Devido a essa condição de destaque, a Procissão recebe a atenção dos estudiosos que lhe direcionam olhares com diversas compreensões.

O primeiro olhar que escolhemos é o de Rosa (2016), que realiza uma reflexão sobre a Semana Santa na cidade de Goiás, na qual está inserida a Procissão do Fogaréu, como um empreendimento.

A Semana Santa tem um caráter distinto das cerimônias quaresmais, uma vez que seu caráter devocional diminui em direção à representação cultural elitizada – importante, vernacular, simbólica, monumental, patrimonial, mas elitizada – reprodutora de diferenças sociais, na medida em que emprega a população na sua economia simbólica numa organização empresarial da cultura, para oferecê-la como produto ao visitante pela ocasião do feriado. Isso torna a Semana Santa uma empresa de produção de valores simbólicos numa economia que emprega diferentes tipos de capital: humano, financeiro e simbólico. Esse emprego não garante uma distribuição democrática, igualitária de funções, mas cria privilégios, na medida em que todos os participantes não podem explorar as possibilidades de lucro e trabalho da mesma forma. Na medida em que a ideia de se produzir um evento que possa gerar receitas, uma parcela dos trabalhadores fará isso na informalidade, outros não lucrarão, ou terão suas privacidades e espaços domésticos modificados pela proximidade do local de realização dos eventos (ROSA, 2016, p. 111).

Na visão deste autor, uma das características da celebração da Semana Santa na cidade de Goiás é a do evento cultural e religioso transformado em produto para o consumo turístico, incluindo todo o aparato de serviços que são ofertados para facilitar e tornar mais prazerosa a presença do turista (hospedagem, alimentação, artesanatos, passeios etc.). Nesse caso, conforme diz a citação, há a reprodução das diferenças sociais com a população que não participa ativamente do lucro turístico, se tornando um elemento importante na representação teatral dos rituais, constituindo o público – juntamente com os turistas – que assiste e confere o aspecto grandioso dos rituais (especialmente o Fogaréu).



O texto deste autor – uma Tese de Doutorado em Ciências da Religião – vai além dessa primeira análise, mostrando todo o envolvimento da população da cidade de Goiás com os rituais da Semana Santa, refletindo também sobre as devoções e dedicações que encontrou entre os mesmos. Mas para o nosso objetivo essa primeira percepção sobre o empreendimento, que é o ponto de partida do autor, constituiu uma perspectiva interessante para ser considerada.

O segundo olhar sobre a Procissão do Fogaréu e a Semana Santa da cidade de Goiás é o de Faria (2006), que também privilegia a análise sob o viés do evento turístico. Como seu estudo é uma Dissertação de Mestrado na área do Turismo, sua abordagem destaca os elementos relativos às atividades turísticas, apesar de procurar também fazer uma descrição histórica e contextual do evento que é a Semana Santa em Goiás e o Fogaréu como seu foco principal.

Nessa perspectiva, o autor procura mostrar como acontece na atualidade a integração entre o Patrimônio Cultural Material e Imaterial, ambos presentes na cidade de Goiás e na Procissão do Fogaréu, com um amplo sistema de serviços turísticos (agenciamento, deslocamento, infraestrutura, hospedagem, segurança, comércios variados e demais serviços) que estão associados à exploração econômica da apreciação pelas pessoas pelo contato com os patrimônios materiais e imateriais. Este amplo sistema de serviços, que lucra com a visitação à cidade, também acaba por conferir a estes patrimônios uma longevidade ainda maior, à medida que são visitados e apreciados cada vez por um número maior de visitantes, o que favorece sua preservação e vitalidade.

Faria (2006) faz uma reflexão sobre como os estudos acerca do turismo e seus impactos econômicos, sociais e culturais, também constituem um importante meio de divulgação da cultura e do conhecimento histórico e cultural, contribuindo com a construção do imaginário do turista, que acaba por desenvolver seu interesse por conhecer um patrimônio material ou imaterial, visitando-o ou participando efetivamente de sua representação. Esse imaginário, no caso da Procissão do Fogaréu, vai além da religiosidade ou devoção, pode estar simplesmente motivado pelo conhecimento e experiência cultural.

O terceiro olhar escolhido foi o de Pinheiro (2004), que realizou sua Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião analisando a Procissão do Fogaréu a partir da teoria da dádiva de Marcel Mauss (1974). Em sua análise, a autora propõe uma associação entre a dádiva do ritual do Fogaréu, que irmana milhares de pessoas na fé, na devoção e na busca de experiências culturais, com a dádiva do sacrifício de Cristo há dois mil anos, uma dádiva que – na crença cristã católica – atinge todos os



seres humanos. Todos os seres humanos presentes no ritual ao reviverem o momento do sacrifício de Cristo, procuram reviver também a atitude de dádiva para com a humanidade e alcançar a maior dádiva que é a salvação. Nas palavras da autora:

Portanto, a ação gratuita de Jesus é uma ação libertadora, que devolve o direito à vida. Segundo, as dádivas humanas além das trocas materiais e afetivas, buscam conquistar a vida pós-morte, ou seja, o Reino de Deus. Para tanto, precisam santificar suas dádivas pela graça divina (PINHEIRO, 2004, p. 80).

A autora propõe que os farricocos – que são os personagens mais destacados do ritual –, com suas vestes que simbolizam o pecado e a penitência, trazem à evidência essa necessidade da dádiva, da renúncia às atitudes que geram o oposto, ou seja, o egoísmo. Nessa perspectiva, a autora desenvolve seu trabalho procurando refletir sobre como a tradição, a religião e o turismo, mesmo com todas as influências das questões econômicas, fazem também circular as relações de dádiva entre os diversos grupos envolvidos com a realização e participação na Procissão. Para a autora:

Ao investigar a circulação de riquezas, tributos e matéria espiritual a partir da procissão do fogaréu percebe-se que os direitos e deveres, que se mostram simétricos e contrários, dão vazão à circulação de dádivas entre os diversos grupos. Mesmo englobando todos os eventos que ocorrem em torno da procissão do fogaréu, que poderiam ser considerados um momento de mercado, há um espaço de reciprocidade. Visto que a consolidação de um espaço de sociabilidade, marcado por características como: interesse e desinteresse, gratuidade e retorno, liberdade e obrigação, fazem parte do horizonte da dádiva (PINHEIRO, 2004, p. 86).

Podemos então refletir que, na análise da autora, todo o movimento que é realizado para que a Procissão do Fogaréu e a Semana Santa na cidade de Goiás aconteçam, pode ser percebido como uma troca positiva entre os seres humanos participantes (a dádiva), mesmo que possam acontecer diversos tipos de atos e atitudes contraditórios (furtos, desentendimentos, embriaguez, etc.) em relação ao objetivo final que é participar do acontecimento tradicional. Então, na visão da autora, a dádiva é um elemento presente nas muitas formas de interações que ocorrem durante a Semana Santa e a Procissão do Fogaréu na cidade de Goiás, incluindo num mesmo conjunto as interações religiosas, devocionais, culturais, artísticas, sociais e comerciais.

O quarto olhar que escolhemos é o de Souza (2005) que procura encontrar na Procissão do Fogaréu uma correlação entre Jesus Cristo e Dioniso, divindade grega dos rituais religiosos, mas também da embriaguez, que pode ser da bebida ou da experiência de êxtase físico e emocional. Nessa correlação a autora estabelece poeticamente ao propor que a Procissão do Fogaréu, que rememora e celebra a prisão de Jesus, o início da sua Paixão, também evoca a necessidade desse ato de sacrifício para se poder alcançar a vitória, o êxtase de ultrapassar a dor. Nas palavras da autora: “Por um lado,



o deus sofredor dos mistérios, perseguido, morto, dilacerado; por outro, o renascimento, a exaltação da vida, a liberação dos impulsos” (SOUZA, 2006, p. 2).

Sua percepção sobre a procissão está contida na descrição que faz da relação entre os turistas e a população local – os “de fora” e os “de dentro” (SOUZA, 2006, p. 4) – quando todos estão esperando a chegada dos farricocos e seus archotes. Nesse momento, segundo a autora, acontece uma união impressionante, tanto os que já assistiram, uma ou muitas vezes, quanto os que estão vendo pela primeira vez, silenciam diante do toque dos tambores e da marcha segura e forte dos farricocos, firmes na sua missão de encontrar o Cristo. Eles cortam a multidão que se abre e os engole, e depois os acompanha até o Monte das Oliveiras (Igreja de São Francisco de Paula), onde será preso. Nessa descrição, a autora propõe:

Esboçada a cena, o Fogaréu surge como um acontecimento pouco ordenado, com o povo incorporando a procissão de maneira espontânea e livre. Há gente por todos os lados: alguns carregando fervorosamente os archotes, outros brincando com o fogo - fé e penitência misturado com muita conversa, empurrões, correria, alguma comida e bebida. No entanto, apesar da aparência caótica, a procissão apresenta uma ordem intrínseca: o núcleo organizado em formação militar, impassível frente à agitação do povo, proferindo um discurso elaborado a partir de imagens e gestos rigorosamente definidos e ensaiados. Nesse sentido, [...] poder-se-ia dizer que o núcleo e as margens da Procissão do Fogaréu constituem um todo representativo da afirmação hierárquica face ao nivelamento de forças poderosas: o fogo, a paixão, a anarquia (SOUZA, 2006, p. 5).

Essa união entre Cristo e Dioniso foi um bom “golpe de vista” (SOUZA, 2006, p. 6), termo que ela retira da análise de Michel de Certeau (1990), significando que a OVAT anteviu a possibilidade de renascer a cidade de Goiás fazendo renascer suas procissões, especialmente o Fogaréu. Por fim, temos o olhar de Britto (2008) que também poeticamente vê o Fogaréu como uma expressão única da cidade de Goiás:

Quando os ponteiros do relógio se enamoram à zero hora de Quinta Feira Santa, Goiás se torna um rio de fogo cujas margens são casas e igrejas e os navegantes são milhares de moradores e turistas, guiados pelo farol metafórico que é a figura dos farricocos. O farricoco é a luz que procura a Luz nas trevas e, ao mesmo tempo, a sombra humana ao encontro do Cristo-Luz (BRITTO, 2006, p. 2).

Sua percepção é de que a Procissão do Fogaréu e a cidade de Goiás constituem uma só expressão da história e da tradição, de modo que esse efeito impressionante da beleza é único, não apenas por atualmente ser a mais antiga procissão desse estilo a ser celebrada no Brasil, mas por não poder ser reproduzida com sua estética em qualquer outro local. Nesse sentido, Britto (2006) defende que a Procissão do Fogaréu é um exemplo significativo de patrimônio imaterial, por tudo que



representa em história, memória, ritual tradicional e simbolismo. É com essa percepção que o autor afirma:

A Procissão do Fogaréu e seu personagem símbolo, o farricoco, constituem em latente exemplo de patrimônio imaterial, justamente por este caráter de narrativa mítica, ou seja, por ser transmitido de geração para geração e constantemente recriado em função de seu ambiente e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e fazendo eco com a lição proustiana do tempo redescoberto. Daí considerar sua importância não apenas por ser a única no Brasil nestes moldes, mas justamente pela forma com que o mito é atualizado. Desse modo, não é descabido reconhecermos esta celebração como vernácula ou vernacular. Compreendermos a Procissão do Fogaréu como vernácula, significa reconhecê-la como portadora de características excepcionais e arquetípicas que contribuem à formação de uma identidade goiana. Recebendo influências externas tardias e devido ao isolamento da cidade, os moradores de Goiás conseguiram, a seu modo, reinterpretá-las imprimindo um trabalho único a partir dos materiais e condições disponíveis. Seu ritual consegue refletir uma cosmovisão específica existente no interior do país, adaptada às particularidades do meio ambiente (BRITTO, 2008, p. 12-13).

Na visão desse autor, também o papel da OVAT é reverenciado, com a percepção de seus fundadores e membros da importância de trazer de volta a cidade de Goiás para um lugar de destaque, não mais de poder político, como no passado, mas como legítima representante da riqueza da história do Brasil, desde o período colonial. Com essa iniciativa, a cidade reviveu, seus moradores tiveram suas vidas modificadas pela chegada dos visitantes e pelas oportunidades de trabalho e de crescimento cultural a partir do conhecimento das tradições e da história local. Assim, o Fogaréu se constitui como um elemento fundamental da nova configuração da cidade, de sua posição no cenário cultural e turístico brasileiro.

Considerações Finais

Nosso objetivo, ao estudar a Procissão do Fogaréu na cidade de Goiás foi o de mostrar, a partir de cinco bibliografias escolhidas, as diversas facetas que podem ser observadas quando se analisa todo o contexto que envolve esse acontecimento. Ao lançar seu olhar sobre o Fogaréu, cinco autores enxergaram diferentes possibilidades de refletir sobre esse evento e sobre sua relação com a cidade de Goiás, na sua atual condição de Patrimônio da Humanidade.

Mesmo utilizando quase todos os mesmos dados históricos para reconstruir a trajetória da procissão no contexto da história da cidade, e ainda utilizando a observação pessoal da Procissão como material de reflexão, além de entrevistas com os participantes, todos os autores perceberam aspectos diversos que constituem esse acontecimento, tanto na parte prática como na vivência pessoal.

O entendimento que chegamos é que a Procissão é constituída por todos esses aspectos percebidos pelos autores: é religião, é devoção, é palco, é beleza estética, é tradição, é cultura, é



diversão, é lucro. E, também, é uma das forças para que a cidade de Goiás permaneça como um local de destaque dentro dos destinos mais escolhidos para o turismo no Estado de Goiás. Um segundo entendimento é sobre a riqueza de dados, conhecimentos e reflexões que a pesquisa possibilita, mostrando um universo que talvez seja captado apenas pelo olhar do pesquisador ao assistir a esse evento e viver a experiência de observar e refletir sobre seus detalhes.

Talvez o turista e o próprio participante morador da cidade de Goiás, ao ler esses estudos, tenha uma renovada experiência de participação no evento que marca o calendário turístico e cultural da cidade. Nossa perspectiva com a realização deste trabalho é contribuir para o conhecimento da Procissão e para o debate bibliográfico que existe em relação às manifestações culturais e religiosas que marcam o cotidiano das cidades brasileiras.

Agradecimentos

Ao acadêmico Alessandro Alves Pinheiro por suas importantes contribuições no processo de construção do presente estudo

Referências

- ARAÚJO, Maria Marta Lobo. As misericórdias portuguesas enquanto palco de sociabilidades no século XVIII. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 45, 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/download/7948/5596>>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- BRITTO, Clóvis Carvalho. Luzes e trevas: itinerários da Procissão do Fogaréu em Goiás. **Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia**, Porto Seguro, 2008. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2013/clovis%20britto.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- CARNEIRO, Keley Cristina. **Cartografia de Goiás: patrimônio, festas e memória**. 2005. 122f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005. Disponível em: <https://portais.ufg.br/up/113/o/CARNEIRO__Keley_Cristina.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- FARIA, Ronaldo de. **Turismo e tradição: olhares revelados pela Procissão do Fogaréu na cidade de Goiás**. 2006. 108f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão do Patrimônio Cultural) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/2283#preview-link0>>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **Tradições inventadas: finalidades e objetivos**. São Paulo/SP: Editora Paz e Terra, 1994.
- LACERDA, Regina. **Vila Boa História e folclore**. Goiânia: Oriente, 1977.



- PINHEIRO, Ana. **A dádiva no ritual da Procissão do Fogaréu na cidade de Goiás**. 2004. 115f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/807/1/Ana%20Pinheiro.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2018.
- PIO, Fernando. **Imagens, arte sacra e outras histórias**. Recife: Museu Franciscano de Arte Sacra, 1977.
- POHL, Johann Baptist Emmanuel. **Viagem no interior do Brasil**. Volume 1. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1951.
- PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ROSA, Rafael Lino. **Dor e sacrifício: o imaginário religioso católico vilaboense**. 2016. 238f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3587/2/RAFAEL%20LINO%20ROSA.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2018.
- SOUZA, Ana Guiomar Rêgo. **O pulsar dionisiaco na Procissão do Fogaréu – Cidade de Goiás**. ANPUH, **XXIII Simpósio Nacional de História**, Londrina, 2005. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/52591479-O-pulsar-dionisiaco-na-procissao-do-fogareu-cidade-de-goias-ana-guiomar-rego-souza-ufg-ppg-unb.html>>. Acesso em: 23 jun. 2018.